

Jornal do Festival

EQUIPE

ELI HALFOUN
NELSON MOTTA
HELENA CAMPOS
BELLA STAL
SONIA MEINBERG
JOEL MACEDO

Fotógrafos:

JOAQUIM RIBEIRO
DEMÓCRITO BEZERRA
REINALDO SOARES
PAULO REIS



Vitória no mar

O lado positivo

A consagração de *Caminhando*, transformada em hino pelas 3,0 mil pessoas que se encontravam no Maracanãzinho e por outras tantas que assistiam pela televisão, foi um dos saldos positivos do III Festival Internacional da Canção. A paixão pela música de Geraldo Vandré foi, acima de tudo, um grito de insatisfação do povo e serviu para mostrar a quem quiser ver que não é nenhum IBOPE que faz um Governo virar popular. O povo não cantou a música de Vandré porque ela tinha dois acordes ou porque era fácil demais. Cantou-a simplesmente porque a letra de Vandré lhe dizia alguma coisa — uma coisa que o povo tinha vontade de dizer e disse no Maracanãzinho. Por isso a música de Vandré está sendo proibida. Não tenho dúvida de que se houvesse outra passeata dos cem mil esta música seria cantada na Avenida Rio Branco como não tenho dúvida também de que, quando a fez, Geraldo Vandré não esperava toda essa repercussão. Proibir a música agora não tem mais nenhuma importância. O povo falou com ela quando foi preciso. Ouvia quem quis. Quem não gostou, quer agora proibi-la. Afinal, a verdade sempre dói.

Se as vaias foram positivas neste ponto acabaram sendo negativas para o próprio Festival, ameaçado agora de não mais realizar-se. Explico: um grupo de compositores está disposto a não mais participar de nenhum desses concursos. Têm suas razões: não querem submeter-se — nem ao seu trabalho — a vaias selvagens, a fofquinhas internas e, às vezes, até ao ridículo. Ninguém nega que a participação do público é importante. A realização de festivais serve — quando menos — para educar o povo musicalmente e ensiná-lo a escolher o melhor. Por isso, os compositores estão dispostos a, em vez de um festival, programar anualmente uma mostra de composições inéditas, na qual não haveria a mesquinha disputa de prêmios, nem a também mesquinha corrida por uma boa colocação.

O simples fato de o público estar — até agora — discutindo se a colocação desta ou daquela música foi merecida também é um saldo positivo. O Brasil, que sempre foi o país dos "técnicos de futebol", é agora também o país dos "críticos musicais". É vendo, ouvindo, discutindo e conversando que a gente aprende. E se entende. E o povo mostrou que está aprendendo. Mais umas lições e os teixeirinhas da vida estarão cada vez mais ameaçados.

Está acontecendo o que eu previa: quanto mais se ouve "Sabiá" muito ruim já começam a achar a sideravam "Sabiá" muito ruim já começam a achar a música "boazinha". Sabiá está virando "Carolina". Não poderia encerrar este comentário sem um elogio a Rádio Tamoio que no último sábado fez o que se pode chamar de "propaganda subliminar": durante toda a sua programação só executou músicas de Tom Jobim e Chico Buarque. Apenas para lembrar aos que ameaçavam outra vaia o que estes dois já fizeram pela música popular brasileira.

A vitória de "Sabiá" na fase internacional também está causando discussões. Tom e Chico ganharam justamente. Não é preciso ser entendido em música — basta apenas ter bom gosto — para saber que "Sabiá" era a menos ruim de todas as canções apresentadas. Só o "Sabiá" poderia ficar com o "Galo de Ouro". Porque era a única música bem trabalhada e porque era, principalmente, a única música não festivaesca.

ELI HALFOUN

Nem só de badalação

Não há dúvidas que, em termos de divulgação, o Festival deixou um saldo altamente favorável. Digo divulgação do Brasil e de sua música no exterior, de uma maneira geral. Como sempre, os milhares de papos-furados de "fulano vai gravar tal música, sicrano vai gravar Sabiá, uns e outros farão discos com a canção de Vandré, etc..." Não se tem notícia até hoje que qualquer estrangeiro importante convidado ao Festival jamais tenha gravado que havia prometido. Mas isto faz parte: o pessoal diz estas coisas para ser gentil...

Mase por quê não gravam realmente? Pela qualidade das músicas? Não, pois as canções brasileiras são de excelente qualidade e aí está o seu sucesso na América para prová-lo. Não gravam porque não conhecem, porque não têm oportunidade de travar conhecimento mais amplo com os compositores brasileiros. Como seria importante um contato melhor com os convidados estrangeiros, longe dos fotógrafos, das dancinhas, da champanhota e das fofocas... Como seria bom e útil se eles pudessem ouvir com calma o que a turma nativa tem prá mostrar.

Mas não, carregam os pobres gringos para infundáveis badalações, iguais a centenas de milhares a que eles já compareceram "all over the world" — programação social...

Será tão impossível promover — uma só tarde que fôsse — um encontro entre os estrangeiros e os compositores brasileiros? Isto, sim, poderia trazer infinitos benefícios para a nossa música no exterior.

Os coquetéis e festas — todos iguais — divertem no começo e depois tornam-se uma amarga provação, sem qualquer lucro para nossa música e servindo unicamente de prato forte para os caçadores de fofocas.

Quem não se virou por conta própria para mostrar suas músicas, se machucando. É pena, eles não têm culpa, mas vão continuar dizendo que vão gravar tal e tal música. Tudo grupo.

NELSON MOTTA

Madalena — Portugal.

Perder o Festival não foi nada para Madalena Iglesias, Anita Harris, Zsuzsa e Lia Morillo. Se, por um lado, os maestros e compositores ainda nutrem um certo descontentamento por não terem ficado entre as dez finalistas, o mesmo não deve estar acontecendo com as meças em quem tão que perderam no Maracanãzinho. Vieram, viram e venderam... na prata.

Bastidores

● A cantora Françoise Hardy, da França, que concorreu com *A quoi ça sert*, vai gravar *Sabiá* com uma versão sua. Françoise embarcou ontem no Galeão, de retorno a Paris, e um admirador, brasileiro, presenteou-a com uma pulseira de pedras nacionais, que ela, muito contente, colocou no braço. Partiu levando um baú antigo cheio de peças típicas que comprou em lojas de Copacabana.

● 112.710 pessoas assistiram aos espetáculos do III FIC no Maracanãzinho. O dia mais concorrido foi domingo, quando 31 mil passa-

ram pelas borboletas do estádio. Na abertura apenas 7.300 compareceram. Na final 23 mil, nas semifinais estrangeiras 13.600 e 23.810.

● Cento e oito delegados tomaram parte no festival, que ainda contou com 30 convidados e 159 visitantes que vieram por conta própria, somando ao todo 297 participantes. A sala de imprensa do FIC credenciou 380 jornalistas brasileiros e 96 estrangeiros, dos quais 32 são correspondentes no Brasil.

● Hoje, praticamente, o Hotel Savoy ficará vazio. Já estão com passagens marcadas

Liesbeth List, da Holanda; Gérard Gray e Geo Voumard, da Suíça; Anita Harris e Mitch Murray, da Inglaterra; Antoine, Martine Boujoud e Romuald, de Andorra, e a delegação iugoslava.

● As embaixadas francesa e tcheca receberam as delegações de seus países com um coquetel, ontem.

● Antoine fez questão de ir ver novamente o show de Caetano e dos Mutantes, na *Suete*, ontem.



Anita — Inghilterra.



Lila — Venezuela.



Zsuzsanna — Ungheria.



Fim de festa



O Monte Líbano fez festa bonita para a entrega dos prêmios do Festival, tanto em sua parte nacional como na internacional. Todo mundo de smoking, aplausos generosos e gerais para as canções. Alguns, como Antoine, Toquinho e Peter Horton, não compareceram porque estavam em São Paulo participando de um programa na TV-Record.

Do 10.º ao 3.º lugar da parte nacional receberam bonitas medalhas de prata, uma para o compositor, outra para o letrista e uma terceira para o intérprete. Sérgio Ricardo, compositor-letrista-intérprete de Canto do Amor Armado, levou três medalhas só para ele.

Da mesma forma que Paul Anka — aplau-



didíssimo — recebeu quatro "Galos de Ouro", um para a música, outro para a letra, outro para o intérprete de *This Crazy World* e mais um como o "melhor intérprete do Festival".

Chico Buarque e Tom compareceram para receber os "Galos" e os muitos dinheiros de Sabiá, cujo canto lhes rendeu cerca de 50 mil cruzeiros novos, cabendo às intérpretes, Cíntara e Cibela, cerca de 10 mil novos.

Como Sabiá já havia sido apresentada como vencedora da parte internacional, a última canção da noite foi *Caminhando*, que Geraldo Vandré interpretou acompanhado pelo elegante côro que formava a platéia de gala do Monte Líbano.

Para desfazer os boatos de antipatias mú-



tuas, Vandré confraternizou-se longamente com Chico e Tom e explicou tudo que havia acontecido ao letrista de Sabiá, que da Europa não sabia de nada. Chico acabou rindo muito das histórias dramáticas de Vandré.

Harry Warren, o americano presidente do júri foi quem entregou os prêmios de Chico e Tom, demorando-se em elogios à dupla. Depois da festa Chico foi para casa mas Tom não resistiu à "tentação do Antonio's" e ancorou por lá até 4 da manhã em companhia de Dorci Caimi, Joyce e Eduardo Conde. Tom estava cansado mas alegre, elogiando muito João Gilberto, João Donato, Dorival Caimi e Caetano Veloso e cantou um pedaço de Lucia Luluz, de Gilberto Gil.